



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS
III COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA – CCP
Av. Edgard Chastinet Guimarães S/No – São Geraldo – CEP 48905-680

RITA DE CASSIA FERREIRA DE SOUZA CRUZ

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM A LITERATURA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ANOS INICIAIS – PRÁTICAS NO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO**

JUAZEIRO-BA
2021

RITA DE CASSIA FERREIRA DE SOUZA CRUZ

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM A LITERATURA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ANOS INICIAIS – PRÁTICAS NO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de grau do Curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Cláudia Maísa Antunes Lins

**JUAZEIRO-BA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

C957e Cruz, Rita de Cássia Ferreira de Souza

Experiências pedagógicas com a literatura na educação infantil e anos iniciais: práticas no estágio curricular supervisionado / Rita de Cássia Ferreira de Souza Cruz. Juazeiro-BA, 2021.

43 fls.: il.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Cláudia Maísa Antunes Lins.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2021.

1. Literatura – Educação infantil. 2. Criança – Experiência pedagógica. 3. Estágio curricular supervisionado – Pedagogia. I. Lins, Cláudia Maísa Antunes. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 370.91734

RITA DE CASSIA FERREIRA DE SOUZA CRUZ

**EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM A LITERATURA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL E ANOS INICIAIS – PRÁTICAS NO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado á Universidade do Estado da Bahia / Departamento de Ciências Humanas- DCH III, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 13 de Julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Claudia Maisa Antunes Lins

Profa. Dra. Cláudia Maisa Antunes Lins UNEB- DCH III Orientadora

MA-ITASSY

Profa. Dra. Maria Rita do Amaral Assy UNEB-DCH III Avaliadora

Francineide Santana Silva

Profa. Ms. Francineide Santana UNEB-DCH III
Avaliadora

**JUAZEIRO-BA
2021**

Dedico todo o meu esforço depositado neste trabalho aos meus pais, Maria Ferreira de Souza e Raul Clementino de Souza (in memoriam), que sempre serão grandes exemplos de dignidade e caráter para mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida, a força, a coragem, e a determinação, pois, motivos para desistir foram muitos, durante o percurso do curso. Gratidão meu Deus eu consegui ultrapassar os desafios sem perder o foco.

Agradeço a minha família, e familiares, esposo, filhos, irmãos em especial Eliana e Edite, que me incentivaram todo momento, a não desistir, mesmo estando ausente em encontros familiares, por motivo do desenvolvimento desse trabalho de conclusão.

Agradeço em especial também a quatro crianças que fizeram parte desse percurso, em alguns momentos prazerosos que precisei, contribuindo para minha formação, Ana Beatriz (filha), João Guilherme, João Gabriel e Alice (sobrinhos) a vocês todo o meu amor e carinho.

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dra. Cláudia Máisa Antunes Lins, pela sua dedicação, atenção, no andamento do trabalho, com suas correções e incentivos, o que acrescentou muito nesse percurso. A você professora Cláudia Máisa, todo o meu respeito e carinho.

Agradeço as colegas da turma, Ana Raphaela, Ludmila e Brenda, pela colaboração e disposição, na partilha de sentimentos mediante as experiências de literatura com as crianças.

Agradeço a parceria e o carinho dos colegas Aynezaine, Cleidiane, Anderson, Aloana e Josely, vocês fazem parte desse acontecimento.

Agradeço as professoras que aceitaram o convite para participar da banca: Maíta Assy e Francineide Santana

Agradeço a Universidade e seu corpo docente, direção e administração, pelo acolhimento e a colaboração, vocês foram responsáveis pelo crescimento intelectual.

E finalmente mais uma vez eu agradeço a Deus, por está finalizando mais uma etapa na minha vida. Gratidão Senhor pela sua companhia.

Todos os livros são infinitos. Começam no texto estendem-se pela imaginação. (MÃE, 2019).

RESUMO

Percebendo a leitura literária como linguagem da arte, visto que, sua presença no espaço infantil proporciona momentos de emoção e esse movimento que desperta na criança, diversos sentimentos, como alegria, curiosidade, medo, suspense, mistério, despertando no educando o prazer pela leitura, e trazendo junto com esse prazer uma reflexão da leitura com sua realidade, sem perder o momento do brincar. E vendo também que neste misturado de tantas coisas belas, é possível trazer como papel de intermediária, a Pedagogia, sendo ela a ciência que estuda a educação e tem todo esse poder de possibilitar esse encontro das crianças com a linguagem literária nos espaços da educação. É possível não deixar a criança perder de vista esse prazer da leitura literária. O trabalho tem o objetivo de contemplar essa possibilidade de aproveitar o espaço educativo, introduzindo a literatura no universo da infância, e perceber o comportamento, o interesse, e as inquietações, a partir do estímulo que recebem. Apresento aqui, portanto, as reflexões pedagógicas vivenciadas a partir das experiências com obras literárias: *O olho de vidro de meu avô*, de Bartolomeu Campos de Queiroz; *As aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi, *O jantar do Bispo*, de Sophia de Melo Breyner; oportunizando nessa prática pedagógica a contribuição desse movimento do contato das crianças com o livro e com as histórias, cenário que abriu um campo amplo de diálogos com as crianças acerca dos diversos temas trazidos pelas histórias, em que fizeram relações com suas próprias vidas, como uma forma de reencontro, um momento de viver esse prazer pela leitura literária, se envolver e se deixar voltar desse mundo incrível que é a imaginação de uma criança.

Palavras-chave: Literatura. Criança. Estágio Curricular Supervisionado. Pedagogia.

ABSTRACT

Considering the literary reading as an artistic language, since its presence in the children's space leads to emotional moments and it awakens in the child several feelings, such as happiness, curiosity, fear, suspense, and mystery, providing the pleasure for reading, as well as a reading reflection, without missing the moments of playing. Also, considering that in this mixture of beautiful things it is possible to bring Pedagogy as an intermediary role, once it is the science that studies education and has the power to make the meeting between the children and the literary language in the spaces of education. It is possible not to let the children lose sight of the pleasure of literary reading. This work objectives to contemplate the possibility to enjoy the educative spaces, introducing the literature into the universe of childhood, as well as to realize the behavior, the interest, and the concern from the received stimulus. Therefore, it is here presented the pedagogical reflections from experiences with literary works: *My Grandfather's Glass Eye*, by Bartolomeu Campos de Queiroz; *The Pinóquio's Adventures*, by Carlo Collodi; and *The Bishop's Dinner*, by Sophia de Melo Breyner, providing opportunities in this pedagogical practice for the contribution of this movement of children's contact with the book and with the stories, a scenario that opened a wide field of dialogue with children about the various themes brought up by the stories, in which they made relationships with their own lives, as a way of reencounter, a moment to experience this pleasure of literary reading, to get involved and let themselves come back from this incredible world that is a child's imagination.

Keywords: Literature. Children. Supervised Curricular Internship. Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: RECONHECENDO-ME ATRAVÉS DO CURSO DE PEDAGOGIA	11
CAPÍTULO I: O CHÃO DA PESQUISA	16
CAPÍTULO II: O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ – A EXPERIÊNCIA DA ADAPTAÇÃO E DO RECONTO ÀS CRIANÇAS	20
CAPÍTULO III: CONVERSAS EM TORNO DAS EXPERIÊNCIAS: A OBRA AS AVENTURAS DE PINÓQUIO CONTADA ÀS CRIANÇAS DO INFANTIL CINCO	26
CAPÍTULO IV: CONVERSAS EM TORNO DAS EXPERIÊNCIAS: O CONTO “O JANTAR DO BISPO” CONTADO ÀS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS	31
CONCLUSÃO: APRENDIZAGENS POSSÍVEIS	37
REFERÊNCIAS	40
ANEXO	41

INTRODUÇÃO: RECONHECENDO-ME ATRAVÉS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Estar nessa etapa, onde me encontro, no desenvolvimento deste trabalho, pra mim é significativo. E pensar que em vários momentos senti um desejo forte de parar, e desistir. No início do curso os desafios foram muitos, e ainda são. Imaginem eu, quase vinte anos, ou mais, longe dos livros, com o tempo sempre voltado para o trabalho, de segunda a sábado, e olha, que o trabalho no comércio lhe suga todo o seu tempo, e, o restinho de tempo que sobrava era para a família, zero de tempo para qualquer tipo de leitura. É de pensar, que realmente é impossível chegar até aqui, pessoas com realidade como a minha, mas também não custa pensar que com esforço e determinação, também é possível chegar onde estou, imagina, desenvolvendo o meu próprio TCC.

Foi isso que aconteceu comigo, devido ao tempo que passei longe de qualquer tipo de leitura, eu tinha dúvidas de que conseguiria concluir esse curso. Com uma vida muito corrida de trabalho, casa, família e faculdade, meus desafios foram muitos nesse curso, as leituras indicadas pelos professores eram totalmente complexas e não conseguia fazer qualquer conexão com a minha vida, com o que eu sentia, havia muito tempo longe de qualquer espaço educativo. Sentia-me com a mente fechada, não tinha entendimento para os textos, lia e relia, isso me consumia o juízo, eu achava que aquele lugar não era pra mim, as dificuldades com as leituras foram muitas, mas, aos poucos, fui conseguindo fazer um movimento dentro da minha mente. A impressão que eu tinha, era de ter caído de paraquedas dentro da Universidade, dentro de um curso que não me atraía, não conseguia me encaixar ou me encontrar no curso, nos espaços, por muitas vezes me achei diferente da turma, por não entender certas leituras tão complicadas, e por muitos momentos, tentava me encontrar e não conseguia, assistia às aulas, e saía, e achava no meu entendimento que não estava levando nada na minha bagagem de volta pra minha casa, para minha vida.

Chegava em casa tarde da noite, sempre preocupada, mas, mesmo assim, continuava lendo, lendo e lendo. E no outro dia eu retornava, resolvi ser persistente, para ver aonde eu iria chegar, e também, eu não queria mostrar fraqueza pra meus filhos, eu desistindo da Universidade, estava negando as minhas falas, quando cobrava o estudo deles, e quando por várias vezes repetia pra eles, “não podem desistir dos estudos, porque a educação muda as pessoas”, eu tomava também pra

mim essa fala, porque eu também queria saber onde eu ia e como a educação poderia mudar a minha vida naquela altura. Onde eu vou chegar, indo por esse caminho? Então por essa fala, eu tinha que continuar, não podia desistir de maneira alguma, eu queria que eles entendessem que a educação tinha esse poder, de transformação, de uma vida melhor, de saber pensar, questionar, sei lá, talvez um lugar de reencontros.

Então foram se passando os períodos, e fui observando, as aulas, os textos, fazendo relação da pedagogia com a minha história, e sempre a procura de algo que significasse, tentando, talvez, me refazer, ou me reencontrar, dentro da Universidade. Em momentos tive alguns pensamentos estreitos, que a pedagogia, era apenas ser professor. Durante esse movimento do curso, através dos estágios, eu sentia também, que ser pedagogo, era preciso ser um pouco de cada coisa, além de ser professor, também um pouco de psicóloga, um pouco amigo, um pouco família, porque, quando passei a entrar no espaço educativo com a bagagem da Universidade, eu consegui levar para aquele espaço as experiências de leitura, fazendo uma reflexão com a realidade dos alunos e também do entorno da escola. A pedagogia nos oportuniza, com a ajuda das leituras durante o curso, perceber as coisas que estão escondidas nas entrelinhas, descortinando e nos mostrando as coisas de uma forma mais clara.

A timidez retardou essa procura, mas a Universidade me ajudou a superar essa timidez. Eu recordo que por várias vezes no percurso para Universidade, nas idas e vindas nos ônibus, apenas pagava a passagem, entrava e sentava, isso aconteceu milhares de vezes. O curso de Pedagogia me fez ter um olhar diferente, um olhar fixo, mais atencioso para aquelas pessoas, e quê, naquele ônibus lotado que carregava tantas pessoas, como eu, cada uma, trazia sua história, sua individualidade. Seria então o efeito das leituras?

Durante o curso algumas disciplinas me ajudaram nas leituras, dessas disciplinas, eu via minha história, me encontrei na disciplina História da Educação, pois venho de uma educação tradicional, onde apenas recebia as informações, e as guardava, com poucas possibilidades de expressão, pois o professor era o dono do saber. Em Educação do Campo eu vivi a história dos meus pais, da minha família; em Educação Infantil Alfabetização e Linguística eu vivi minha infância na escola e a forma como eu aprendi a ler e escrever; Educação Especial me trouxe lembranças da minha vida com relação a minha família, e convivência com a minha irmã por sua

deficiência física; Educação Infantil Educação Ludicidade e Corporeidade trouxeram as lembranças da minha infância de cantigas e brincadeiras.

Então, pra continuar o curso eu fui costurando, emendando, e relacionando os conhecimentos que a Universidade me oferecia, fui percorrendo as etapas, encarando os desafios e juntando essas peças, como um mosaico, até conseguir realmente poder me encontrar e entender o curso de Pedagogia. Como eu estudava a noite, por motivo de trabalho, o meu primeiro estágio foi em EJA na Escola Municipal Paulo VI (Juazeiro), eu lembro que a professora da disciplina Estágio I, Antoneide Silva, nas aulas dela, sempre falava, que a gente nos estágios, tivesse muita atenção, que tivesse um olhar aguçado, ver além do que era visto a olho nú, essa fala me inquietava, eu pensava muito, porque já era 5º período, o tempo corria, e eu não tinha noção do que fazer no TCC, e olha, que já havia murmúrios e muitas falas sobre o TCC, temas, equipes, então eu percebi que a partir desse estágio eu tinha que tentar encontrar alguma coisa que me puxasse a atenção.

Fiz o que a professora pediu, fui com o olhar aguçado, e tudo que eu percebia registrava no diário de bordo, aquele estágio foi uma experiência maravilhosa, está dentro de uma sala de EJA, primeira vez numa sala como estagiária, perceber que ali existiam pessoas com pensamentos semelhantes aos meus, também acreditavam na mudança de vida através da educação, e comecei a sentir um novo olhar para o meu curso, e ali naqueles dias de estágio em EJA o meu pensar mudou, eu teria que continuar. Foi então que, nesse período de tempo, fui demitida do trabalho, como eu já tinha passado por EJA, e o curso dava opção para escolha de núcleo depois do 5º período, foi aí que eu optei, e decidi mudar para tarde, para o Núcleo Educação Infantil, uma nova experiência, e eu sempre atenta às dicas dos professores, sobre essa questão do TCC.

Alguns professores tinham essa preocupação de estar falando sobre o trabalho de conclusão de curso, que não tínhamos que ficar tão preocupados ou tensos, e sim, que ficássemos atentos aos movimentos das aulas, às leituras teóricas, e quando a gente menos esperasse, saberíamos sobre o que falar neste trabalho. O tempo se aproximava, não tinha despertado ainda em mim, qualquer curiosidade que pudesse ir a fundo nessa pesquisa. Então veio o Estágio II, usei a mesma estratégia do estágio anterior, o diário de bordo, eu tinha que colher o que via, e através do que via, observar com muita atenção e registrar com o olhar aguçado, as entrelinhas e descobrir realmente por onde começaria esse meu olhar

de pesquisadora. Foram separadas as equipes e a minha equipe foi para a EMEI Maria Suely Medrado de Araújo, localizada no bairro Tabuleiro.

Estava um pouco tensa, pois já estávamos no 6º período, e eu a procura desse problema, me preparei, fui de coração, Estágio II, espaço infantil, com o olhar de pesquisadora, com o coração aberto, pensei, que essa seria a minha chance. Entre uma conversa e outra recebi vários conselhos, e guardo comigo a fala de uma amiga de infância, que hoje, é professora, ela disse “não se preocupe quando você menos esperar algo vai tocar em você, e você vai sentir uma curiosidade, e necessidade de descobrir mais sobre esse tocar, quando acontecer isso, vai ser bom, porque você vai fazer seu trabalho como realmente faz um pesquisador”. Então, me preparei de coração e fui para a creche.

Ao chegarmos, fomos nos organizando nas salas, éramos uma equipe de seis alunas, ficando duas em cada sala, eu fiquei na turma de cinco anos. E foi nessa sala, onde tudo começou, para que eu pudesse estar aqui registrando. Foi nessa turminha de cinco anos, onde me despertei para a minha pesquisa, porque as crianças nos dão essa chance de aprender com elas. Eu fui surpreendida por uma criança de cinco anos por nome Daniela, que com a sua inocência, pureza, e imaginação, deu-me o prazer de assisti-la, lendo um livro de historinhas, através das imagens que o livro trazia. Aquela imagem, a menina e o livro, me tocou tão profundo que eu também com minha imaginação viajei em um momento de segundos, e quando retornei, eu percebi que fui tocada pela leitura. Ao retornar pra minha casa, com essa inquietação prazerosa, registrei aqui dentro, no meu pensamento os momentos que eu trazia do estágio, e transcrevi no meu diário de bordo toda emoção com a leitura que aquela criança tinha me presenteado.

Então no 7º período veio uma boa oportunidade, quando na matrícula das disciplinas percebi que tinha Educação Infantil Literatura Infanto-juvenil, fiquei atenta, pois, sabia que existia uma inquietação do que eu queria, referente a minha pesquisa, com aquela disciplina. Nas primeiras semanas de aula, a apresentação de tantos livros literários, fui tocada pela literatura, eu logo percebi, que a literatura seria uma referência para o desenvolvimento da minha pesquisa, e não podia perder essa chance, fiz uma relação das minhas anotações do estágio àquela disciplina. De imediato procurei a professora da disciplina, para que fosse minha orientadora.

Nessa comunicação com a professora Cláudia Maísa, sobre a orientação do

meu trabalho de pesquisa, tive a oportunidade de ler o 5º capítulo de sua tese, onde fui surpreendida quando Cláudia Maísa traz a reflexão sobre a fronteira entre a educação e a arte. Foi então, que pude fazer uma relação da minha caminhada. Quero expressar aqui as minhas emoções, que foi nessa fronteira que eu passei.

A Pedagogia me levou até a fronteira, mas foi através do campo da linguagem artística, neste caso, da Literatura, que fui provocada. Na fronteira, no meio da ponte, pude trazer minhas emoções, pra dentro da Pedagogia e junto com a Literatura pude fazer minhas reflexões e trazer minhas experiências pra dentro do meu TCC. A fronteira é um espaço que lhe proporciona a oportunidades de refletir as suas ideias, os seus pensamentos.

Visualizar a fronteira foi um exercício bastante significativo nessa experiência, uma vez que me vi na fronteira. Santos (2020) fala que a fronteira é um lugar de novas sociabilidades e de quebra de hierarquias, um lugar onde se torna visíveis as pluralidades, o que nos dá um movimento maior de autonomia e liberdade; uma vivência que pude experimentar com as crianças a partir das histórias, numa fronteira entre a ficção e a realidade; eu particularmente pude me recriar a partir da fronteira entre a Pedagogia e a Literatura.

CAPÍTULO I: O CHÃO DA PESQUISA

Deve existir muitas coisas ricas no momento da leitura literária, palavras novas, gestos, olhares, movimentos, conversas. Nesse momento deve existir a interação, da criança com o livro, com a história, a interação entre o mundo real e o imaginário. Nesse momento o professor poderá ter uma percepção de como a criança se comporta a partir do contato com a literatura e também da leitura que poderá fazer da realidade, tendo a literatura como referência. O contato próximo com a leitura literária trata-se de um momento de descobertas, que com certeza vai ter um bom proveito na vida da criança

O objetivo deste estudo é contemplar como é possível aproveitar o espaço da escola que as crianças frequentam, introduzindo a literatura, e observar: 1º) como às crianças se comportam diante de um texto literário; 2º) como as crianças demonstram interesse pela literatura, atentando, nesse processo de leitura às formas utilizadas para o estímulo da leitura literária; 3º) registrar a forma como as crianças sinalizam suas inquietações e seus interesses, movidas pela literatura; 4º) refletir sobre a Pedagogia, a partir da experiência com a Literatura.

Como vimos no texto de introdução, o que motivou a realização desse estudo, foi quando presenciei pela primeira vez, durante o meu estágio no 6º período, uma experiência de leitura espontânea de uma criança que ainda não tinha propriedade na leitura, mas que através das imagens do livro ela lia usando a sua imaginação em cada imagem visualizada. Aquele momento me fez pensar sobre a Pedagogia, e sobre os espaços educativos. Aquele momento foi muito significativo na minha caminhada, pois o meu desafio acabara de ser lançado, e o meu ponto de partida seria aquela imagem: a criança e o livro. Pois foi esta imagem que me aproximou de diversas questões epistemológicas no campo da Pedagogia; através da experiência com a Literatura pude elencar preocupações que partem dessa vivência com as crianças, e que são próprias da Pedagogia.

Essa experiência levou-me à curiosidade: Como a literatura está presente na Educação Infantil? Há aprendizagens no contato com a literatura? Quais são esses saberes? E como a literatura é apresentada? Seria possível a exploração da linguagem poética na educação infantil e anos iniciais? Como é feita a construção desse saber nestes espaços, para que as crianças possam explorar e fruir da literatura na escola, de forma que venha acrescentar novos saberes nessa viagem

com a leitura literária? Essas questões foram confirmadas e ampliadas a partir dos cenários nos estágios, quando atuei na mesma EMEI, e observei que esta experiência com a literatura se apresenta como um momento de prazer, de emoção, de imaginação.

Vejo como preocupações da Pedagogia as questões levantadas no parágrafo anterior, quando pergunto sobre a presença da Literatura na Educação Infantil, quando pergunto sobre as aprendizagens e saberes que daí decorrem; de como é feita a construção desse saber nas escolas de forma que as crianças possam explorar e fruir da literatura. Falo, portanto, de prática pedagógica, que envolva a literatura, enquanto experiência prazerosa. Estas preocupações me levam a trazer reflexões do livro *A arte e a Educação* (LINS, 2011), a partir das entrevistas feitas por Maísa Lins, ao educador e psicólogo Duarte Júnior e ao artista Cesário (2011, p.07) os dois “defendem que a arte deve estar na escola, mas não refém do currículo escolar”, que seja um movimento que possibilite para as crianças momentos prazerosos de muita beleza, deixando essa emoção transbordar dentro da criança.

O retorno à EMEI Maria Suely Medrado de Araújo, situada no Bairro Tabuleiro na cidade de Juazeiro Bahia, aconteceu em 04 de Março de 2020. Esse foi um novo dia que marcou novamente a minha experiência no curso de Pedagogia, a partir de um trabalho que foi solicitado na disciplina Literatura Infanto-Juvenil, era o 7º período do curso. O desafio era desenvolver um trabalho pedagógico na sala do infantil e anos iniciais, a partir de alguns livros de literatura que foram trabalhados durante a disciplina. Como meu estágio foi na EMEI, o desafio era levar essas histórias para as crianças de cinco anos de idade. Esta atividade no âmbito do curso ocorreu interdisciplinarmente, envolvendo os componentes Literatura Infanto-Juvenil e Estágio Curricular Supervisionado III¹.

No componente curricular Literatura Infanto-Juvenil foram trabalhados vários livros de literatura de autores variados, um trabalho desafiador para todas nós, e rico em possibilidades de experiências literárias e também pedagógicas. Passamos primeiro pela experiência de ler esses livros e de contar as histórias deles para as nossas colegas; na sequência fizemos uma seleção deste livros, porque nem todos

¹ Literatura Infanto-Juvenil, componente ministrado pela professora Claudia Maisa Antunes Lins; Estágio Curricular Supervisionado ministrado pela professora Francineide Santana.

poderiam ser adaptados para as crianças. Depois de selecionados, cada equipe escolhia um, que já tinha sido lido e contado por uma de nós às colegas; a partir deste livro escolhido faríamos um trabalho pedagógico nas EMEIS. Minha equipe ficou com o livro *O olho de vidro do meu avô* (2004), de Bartolomeu Campos de Queiroz, que tinha sido lido e contado pela colega Aloana Ramos Morais. *O olho de vidro do meu avô* não era um livro voltado para o infantil, embora trouxesse uma história que envolvia um neto, um avô e um olho de vidro; tivemos o desafio de adaptar a história sem negá-la às crianças.

Foram vários livros que circularam dentro da sala durante as aulas da disciplina Literatura Infanto-Juvenil, foram momentos de encanto, obras lidas e recontadas, que nos provocaram sentimentos, uma interação prazerosa entre colegas durante as aulas, eram momentos íntimos com os livros. Quando chegava o dia da disciplina, as histórias eram reveladas para que todas pudéssemos experimentar as histórias que saíam dos livros e através de cada uma de nós, alcançavam todas nós, um momento belo e emocionante que a leitura nos fez vivenciar, coletivamente, quando lemos e relemos juntas, contos, poesias, prosas e romances.

Alguns desses livros faziam parte do âmbito da literatura Infanto-Juvenil como, *Alice no país das Maravilhas*, e *Alice do outro lado do espelho*, de Lewis Carroll, *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *As Aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi. Outras obras que não estavam nesse âmbito, mais que nos provocou estímulo, abrindo um leque para novas experiências, com o desafio de adapta-las, para o infantil e anos iniciais foram: *O jantar do Bispo*, conto de autoria de Sophia de Mello Breyner Andresen, *O olho de vidro do meu avô*, de Bartolomeu Campos de Queiroz; e ainda as obras, *O Profeta*, de Kahlil Gibran, *Caim*, de José Saramago, *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, e muitos outros; experiência literária que nos acrescentou, enquanto pedagogas, uma nova forma de olhar, de como é importante promover este encontro entre a criança e o livro.

Fez parte da metodologia deste trabalho o relato de minhas experiências, no espaço educativo onde atuei durante o Estágio (EMEI Maria Suely Medrado de Araújo), ocasião em que recolhi falas das crianças a partir do trabalho com a obra de Bartolomeu Campos de Queiroz, *O olho de vidro do meu avô*. Utilizando como instrumentos, o livro, sacola dos personagens no palitoche, tapete, teatro caracterizado. As falas das crianças colhidas nesta experiência aparecem recuadas,

em forma de citação no capítulo II.

A atividade com Literatura na referida EMEI aconteceu interdisciplinarmente, envolvendo os componentes Literatura Infanto-Juvenil e Estágio Curricular Supervisionado III, tive a grande oportunidade e o prazer de trabalhar com a experiência que foi vivenciada em campo (presencialmente);² Fiz uso do diário de bordo, onde registrei minhas observações, o que ajudou muito no exercício de reflexão de uma prática pedagógica que envolvia a literatura.

Estar presente no espaço educativo, envolvida com as crianças, foi uma importante orientação para dar início ao meu trabalho de reflexão. Toda a experiência vivida, através da Literatura, com as crianças, proporcionou-me a ter um novo olhar para a criança, pois dentro desse espaço somos desafiadas a aprender com elas a ter um novo olhar para a leitura literária; pois através das emoções das crianças, somos contagiadas pelas emoções do universo infantil; e com isso passamos a ter um novo olhar para a Pedagogia.

Então, logo após a experiência a partir da qual fiz os meus registros durante o estágio supervisionado veio a pandemia e junto o isolamento social, período que fecharam as escolas, isso fez com que impedisse a continuação do meu trabalho de campo. Como não queria perder as reflexões que os meus registros me proporcionaram, localizei algumas colegas da turma de educação infantil e também outras que atuaram nos anos iniciais, e com ajuda delas, trabalhei com um diálogo de forma online, oportunidade em que as entrevistei; Ana Raphaela Ramos da Silva na EMEI Nailde Costa, desenvolveu um trabalho a partir da obra do livro *As aventuras de Pinóquio*; Brenda Carina Guimarães Nascimento e Ludmila Santos Santana na Escola Municipal Nossa Senhora das Grotas, desenvolveram experiências com crianças dos anos iniciais a partir da obra *O jantar do Bispo*.

As falas das colegas entrevistadas estão apresentadas em forma de citação, nos capítulos III e IV, oportunidade ao qual traço um diálogo com elas a partir também das leituras que fiz destas obras. Com os testemunhos das colegas, e algumas questões reflexivas, pude trazer pra dentro do meu trabalho as suas experiências com a literatura, e a literatura com a criança. Essa conexão de contemplar a literatura junto às crianças, isso foi muito enriquecedor para minha pesquisa, uma vez que me encaminhou para refletir a Pedagogia.

² Essa experiência aconteceu no semestre 2019 de Setembro a Dezembro, portanto não estávamos no contextoda pandemia COVID-19.

CAPÍTULO II – O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ – A EXPERIÊNCIA DA ADAPTAÇÃO E DO RECONTO ÀS CRIANÇAS

Na obra *O olho de vidro do meu avô* nosso primeiro passo foi fazer um resumo, pegando partes principais que ficassem bem focado sem fugir da história do livro, onde o foco fosse, a importância desse olho de vidro, a importância do avô com uma presença tão forte que era transmitida para esse neto (da história do livro). Sabendo da imagem que um avô tem dentro da família, quanto mais velhinho, mais forte fica essa presença, torna-se, portanto, um saber intimista, e isso é importante, não só para os netos, como para toda família. Só em falar no avô, logo a imaginação voa e o pensamento faz relação com a vida real. Uma história tão intensa, tão bela, impossível não adaptar para o infantil, pois foi a presença daquela criança na história (o neto), o que nos impulsionou a criar o resumo e a recontar essa história para as crianças da EMEI Maria Suely Medrado de Araújo. As imaginações mais belas, criadas pelo neto, quando o mesmo focava seus olhos naquele avô que trazia uma história real dentro de si, talvez uma história até triste, que lhe obrigou a usar um olho de vidro. Essas histórias mobilizaram a imaginação nossa e também a imaginação das crianças.

Uma nova história foi vista e apreciada a partir dos olhos e da imaginação do seu neto; a criança, através de sua sensibilidade, viu aquele olho de vidro de uma forma bem particular, coisas que talvez um adulto não consiga ver. Usando sua imaginação, o menino criava coisas tão bela, que dava vida ao olho de vidro do avô, o olho de vidro não via o que ele via, para o menino o olho de vidro via diferente. O olho de vidro que era azul, o menino relacionava à beleza e a grandeza das águas, o menino apreciava o olho de vidro, e dizia que gostava do olho de mentira, pois percebia que seu avô enxergava por este olho com encanto, e que aquele olho de vidro do seu avô via em silêncio.

Naquele silêncio, uma mistura de cheiro do alho que sua avó refogava o arroz, e o aroma do café coado, aquele silêncio para o neto ampliava o sentimentos que tinha com as coisas, o menino acreditava que nem sempre com os olhos abertos vamos ver o que queremos, e os olhos fechados a gente pode sonhar, ir bem longe. O resumo foi um exercício importante, porque para alcançá-lo fizemos uma espécie de ruminação interior daquela história dentro de nós. Esta experiência foi um dos desafios que tivemos, a partir de um encontro com a equipe. Era preciso

uma comunicação entre as integrantes, era necessário esse encontro de ideias, de pensamentos, de imaginação, de criatividade, de concordâncias e discordâncias de como seria a construção do resumo. Foi muito significativo, porque quando as ideias e os pensamentos se encontram, as palavras ficam mais formadas, dá mais força nas decisões. Essa forma do pensamento diverso foi intensa e muito proveitosa.

Arriscamo-nos, inicialmente, numa leitura da história pelo título, como cada uma viu o livro, sem ter lido o livro; foi muito interessante, várias palavras e julgamentos soltos escaparam de nossas bocas, apenas pelo conhecimento do título: “capa escura”, “tudo muito sombrio”, “não era voltado para infantil”, “sem imagens”, “Esse livro é complicado não tem encantamento”, “seria uma história de piratas?”, foram várias, as falas. Acontece que ao ler, o tema nos chamou a atenção, pois ali dentro daquela história existia um avô e um neto, e sendo aquele livro um desafiador, era preciso adaptar e partilha-lo com as crianças, decidimos então ler e reler para recriar o texto adaptado.

Lendo o livro fomos tendo propriedade naquela leitura, sabendo que tinha que ser uma leitura de alma infantil, com sensibilidade e espírito lúdico, dando ênfase às partes onde a imaginação ganhava asas diante do olho de vidro, bem como aos momentos que a história traduzia a relação de afeto entre a criança e o avô. Com o pensamento e o coração voltados para as crianças, sempre nos perguntando como seria contar essa história para elas. Como tinha uma criança envolvida na história, que era o neto, apropriamo-nos da leitura e viajamos juntas na imaginação daquele neto, que via de uma forma tão envolvente e curiosa, aquele olho, fomos separando as partes de sua imaginação, e assim conseguimos concluir essa etapa do resumo.

Depois veio o segundo passo as adaptações do texto para o momento de contar a história; foi confeccionado um tapete, uma sacola da literatura, os personagens do livro em palitoches, o olho de vidro, o avô, o neto, a avó, e o mar, todos em palitoches, isso tinha que ser feito, pois era preciso montar o espaço e deixar a altura dos pequeninos. Construimos um espaço bem especial, de forma que despertasse uma sensação de curiosidade acerca do livro e da história, esse nosso movimento surtiu efeito no momento da contação no pátio, com todas as turmas. Para nós, foi uma paisagem maravilhosa, ver como as crianças deixam-se mover por esse sentimento de empatia a partir da história que aquele livro trazia; e isso acontecia nesse espaço tão vivo, que é a escola, na turma do infantil, que não é

apenas uma sala de aula, é muito mais que isso, são crianças que levarão com elas esses momentos especiais.

Chegando na escola com todo material pronto, era chegada o grande momento, depois da acolhida, hora de arrumar o cenário, e eles ali, tão pequenos e tão cheios de expectativas, todos os olhinhos voltados para a organização do espaço. Na minha equipe, éramos seis, e não podíamos ficar todas em uma mesma sala, então dividimo-nos em duplas, Cleidiane e Josely ficaram na turma de 4 anos, Aloana e Sara na turma de 3 anos e Ayzaine e eu ficamos na turma de 5 anos. Vou contar aqui a minha experiência pessoal com a turma de 5 anos, o grande desafio que passamos. Logo após a acolhida, o terceiro passo da experiência: a nossa oportunidade de contar a história do livro *O olho de vidro do meu avô*. Nas salas formamos um círculo para dar início a história; contamos a história, mostramos a capa do livro, e deixamos o livro circular para que as crianças manuseassem o livro, e fizessem seus primeiros comentários sobre a história; e também fizemos circular os personagens que confeccionamos em palitoques.

A capa não era nada colorida, e o livro não tinha ilustrações, nem letras garrafais como normalmente são feitos para crianças pequeninas, entretanto as crianças não questionaram essas ausências de imagens; o que me possibilitou a reflexão sobre a afirmativa de que o livro com imagens é mais aceitável para as crianças. Percebi que, basta ter o livro, e usar a imaginação. O livro nos oportuniza, enquanto pedagogas, estimular a criança a um olhar aguçado, um olhar que já é natural da criança, e que no contato com a literatura essa condição é ampliada. No momento desse contato com o livro, elas acolheram com uma sensibilidade, com devolutivas que deu um significado muito forte, despertou em mim um olhar diferente, o movimento nascido na imaginação das crianças e que nos alcançou. O envolvimento da criança durante o contato com o livro foi notável: a emoção, a curiosidade, o suspense, o medo, a criança se torna o protagonista da história, e cria os seus próprios personagens usando sua a imaginação, e ainda relaciona a história do livro à sua própria história. Sobre a presença do livro, Valter Hugo Mãe (2019), fala em um dos seus contos:

Gostei de colocar a hipótese de os livros serem como bichos. Isso faz deles o que sempre suspeitei: os livros são objetos cardíacos. Pulsam, mudam, tem intenções, prestam atenção. Lidos profundamente, eles estão incrivelmente vivos. Escolhem leitores e entregam mais a uns do que a outros. Têm uma preferência. São inteligentes e reconhecem a

inteligência. Os livros estão esbugalhados a olhar para nós. Quando os seguramos, as páginas abertas, eles também estão esbugalhados a olhar para nós. (MÃE, 2019, p.58).

No exercício de passar o livro de mão em mão, veio o impacto, as observações e as perguntas das crianças quanto a capa e o livro em si, elas folheavam, e quanto mais elas tocavam e olhavam mais elas perguntavam, e davam sua opinião sobre o livro, o livro não tinha imagens coloridas e isso fez com que aumentasse a curiosidade das crianças, foi surpreendente suas observações. Cada uma, ao pegar no livro queria falar um pouco do livro. Com ajuda da professora da turma, Carmem Maria Ferreira da Silva Barreto, foi possível registrar algumas falas no momento em que as criança tiveram o contato com o livro:

- ENZO: Quem será o avô desse olho? Achei muito curioso. Eu acho que foi o avô que fez o olho de vidro. Acho o lugar preto do olho e do avô.
- BIANCA: Meu Deus parece um furacão!
- DVISOM: Acho estranho a capa desse livro, porque o que sai do olho é um terror.
- JOSELY: Assustador
- IGOR: Acho terrível porque olho de vidro não existe.
- JOEL: Achei estranho.
- ELIAS: O avô deixou o olho preto.
- IGOR: O avô pegou uma lanterna pra procurar o olho.

Depois de passar o livro no círculo, e ouvir as falas das criança. Então eu comecei: “oi crianças vou contar uma história bem legal pra vocês, preciso que fiquem em silêncio, o nome da história é: O olho de Vidro do meu avô”. Naquele momento, todas elas, de olhos bem fixo e profundo, como se tentassem descobrir o que realmente havia dentro daquele livro sem imagens. Naqueles crianças, naquele espaço, aquele dia, voava lentamente sobre elas uma nuvem de emoção, e a imaginação pronta para fruir.

Após contar a história, é chegado o momento do retorno, e minha preocupação se eles gostaram. E de como seria essa devolutiva. Às crianças tinham apenas cinco anos. Como elas iam se expressar? Foi uma pergunta que me fez. Eu fiquei um pouco tensa, porque o avô, no final da história, morre, eu tinha que falar que ele morreu, não poderia mudar a história, e a ansiedade era como as crianças iam reagir diante dessa palavra, morte. Foi muito difícil falar no final que o vovô morreu. A história trazia, portanto, o tema da finitude, da morte, da separação. Surpreendeu-me de uma forma muito encantadora, a forma como as crianças

trouxeram da história o tema da morte, e não poderia deixar de registrar as falas de algumas crianças depois de contar toda história. Então perguntei: “E aí crianças gostaram? Alguém quer falar sobre a história contada?”.

- ELIAS: O olho é vivo!
- DAIANE: Tampou o olho com o olho de vidro?
- ENZO: O neto achou interessante o olho de vidro do avô.
- JOSELY: O neto ficou com saudades do avô quando ele não apareceu.
- CALEBE: Tia eu tinha duas avós e dois avôs, só que um avô meu faleceu.

A maioria falou que o avô colocou o olho de vidro para enxergar, mais ele não conseguiu enxergar. Algumas crianças mais tímidas, guardaram o entendimento e as curiosidades com elas, outras falaram dando suas opiniões, e também fizeram relação da história com sua vida real, e outras expressaram tudo no desenho. Depois o próximo passo foi o momento do “Era Uma Vez”, no pátio com as três turmas. Organizamos e preparamos uma encenação, um teatro, que foi apresentado no pátio da escola para as crianças das três turmas, de forma lúdica, com cenário caracterizando os personagens da história.

Cada uma de nós, apresentávamos um personagem do livro, tudo muito simples porém criativo, Cleidiane era o avô, Josely era o neto, Ayne fazia o movimento do mar usando um enorme tecido de cor azul dando efeito às ondas do mar, eu era a avó e Aloane narradora da história do livro. Aproveitamos então o momento. Depois de apresentar a contação de história e a encenação do teatro, foi a hora da produção do desenho livre, distribuimos folhas em branco e todos desenharam sobre a história do livro *O olho de vidro do meu avô*, usando sua imaginação, usando as cores de sua preferência e sempre relacionando algo a sua vida real.

O objetivo era levar a literatura para as salas de aula de forma lúdica, e prazerosa, aproximando o livro da criança e a criança do livro, da leitura e da história contada pelo livro. Não perguntamos o nome do autor do livro, nem os nomes de personagens, nem tão pouco o nome da história e a moral da história, nem retiramos palavras da história para trabalhar letras e sílabas. Abrimos antes um campo de diálogo com as crianças a partir do tema e das paisagens que a história nos oferecia.

A pedagogia pode, através dos seus estudos, trazer essa reflexão dentro das

pesquisas. Percebi que a Pedagogia pode ser uma parceira intermediária dando abertura à leitura literária, pois através da literatura é possível trazer da criança a sua realidade, percebendo através da leitura as suas emoções, imaginação, podendo encontrar um sentimento de prazer, e nascendo na criança através dessas leituras o sentimento de empatia. A pedagogia pode trabalhar com essas dimensões dentro das suas pesquisas, através da pedagogia é possível trazer as crianças e também os professores para esse movimento literário, estimulando-os e formando leitores nesse mundo poético da literatura.

O conjunto de práticas pedagógicas desenvolvidas através da literatura com o livro *O olho de vidro do meu avô*: a apresentação dos personagens em palitoques, a leitura da história, o contato com o livro, as perguntas sobre o livro, a apresentação do teatro, a conversa sobre a história; foram do meu ponto de vista, passos importantes para a aceitação e o envolvimento das crianças, de forma que elas pudessem brincar com a imaginação em torno dessa história. Tal experiência confirma o poder que a leitura literária tem ao tocar as crianças na sala de aula, chego a pensar da importância da literatura no âmbito educacional, partindo da prática pedagógica que possamos realizar junto às crianças.

Foi vivendo essa experiência com a literatura junto às crianças, na EMEI, que reforçou mais ainda essa emoção, que a linguagem da arte literária nos permite, e me introduzindo dentro da leitura, consegui ter um sentimento de emoção, foi me permitindo viver esse mundo fictício, que nos toca e nos leva a uma reflexão com o real, a leitura literária nos oferece, e nos provoca, mesmo vivendo nesse mundo real, vale a pena viver essa sensação, nesse mundo, que a gente consegue brincar com a imaginação, esse mundo do faz de conta.

CAPÍTULO III – CONVERSAS EM TORNO DAS EXPERIÊNCIAS: A OBRA AS AVENTURAS DE PINÓQUIO CONTADA ÀS CRIANÇA DO INFANTIL CINCO

A experiência de levar a leitura literária para o campo de pesquisa na turma de educação infantil é um desafio que vale vivenciar, é uma troca de emoção. Vamos para o espaço educativo na intenção de levar para a criança o encantamento que a literatura traz e recebemos das crianças uma avalanche de sentimentos, de beleza, de imaginação. As crianças se envolvem de forma surpreendente, foi o que aconteceu também com a experiência da colega Ana Raphaela Ramos da Silva, quando recebeu o desafio de levar para a escola, para as crianças da Educação Infantil, a história *As Aventuras de Pinóquio*, sob a perspectiva de não julgamento deste menino feito de pau.

Lembro que tinha um menino, que chamou muito a minha atenção, porque quando a gente estava contando a história de Pinóquio, ele queria contar junto, ele estava imaginando a história de Pinóquio junto com a gente, bem assim: a gente falava **"e aí Pinóquio foi desviado do caminho"**, essa criança continuava a fala, **"mas, Pinóquio é esperto ele vai pegar e vai achar outro, né pró."** (ANA RAPHAELA RAMOS DA SILVA, em entrevista, 2021)

A fala de Raphaela, trazendo a lembrança dessa expressão representada pela criança, nesse envolvimento com a história das aventuras do boneco/criança Pinóquio, mostra o efeito da literatura, nessa comunicação direta com às crianças. O comportamento dessa criança diante a história, é perceptível a posição que ele se coloca, uma criança em defesa de outra criança, se colocar no lugar de Pinóquio, pura, sensível, entra na história e vive diversos momentos junto com o personagem, onde só a literatura tem o poder de fazer isso. Ele torce, vibra, grita, e participa do início até o fim, porque tem curiosidade de saber se o boneco/criança vai conseguir se sair das suas peripécias.

Na sua pesquisa de doutorado, Claudia Maisa Antunes Lins, entrevista crianças no Brasil e em Portugal, acerca de suas relações com a literatura e a poesia. A pedagogia traz dessas entrevistas diversos aspectos dessa relação das crianças com a literatura, alguns dos quais pudemos observar em nossas experiências, por exemplo, a atitude entrar no livro e vivenciar a vida que ali pulsa, interagir com os diversos sentimentos, sentir a alegria e a dor do outro que está ali dentro das histórias; e como as crianças são capazes de aprender e desaprender

interagindo com as histórias.

As crianças vivenciam a literatura como uma comunicação de sentimentos e de experiências, entendendo-a mais como um testemunho do que como uma denúncia, e assim se abrem para aprenderem. Entendem que esses homens e essas mulheres poetas tratam da própria vida, através de suas histórias, e elas as crianças, se sentem parte dessas histórias a partir dos sentimentos de quem as escreveu, vivenciando assim a alteridade. (LINS, 2020: 123).

A leitura do livro *As Aventuras de Pinóquio* de tão envolvente, intensa, foi um desafio para Raphaela apresentar para as crianças a perspectiva da obra original *As aventuras de Pinóquio*, pois ela (Ana Raphaela Ramos da Silva) ainda guardava dentro dela a história de Pinóquio, como aquele menino que é visto como um mentiroso, mas não foi difícil a aceitação dessa nova perspectiva da história por parte das crianças, que foi recebida com emoção e encanto, pois às crianças tem uma habilidade de sentir as coisas com mais intensidade, de uma forma tão sensível e pura, diferente dos adultos. Muitas vezes é preciso ouvir com o coração, assim conseguimos acompanhar os seus pensamentos e imaginação

Quando eu peguei o livro de Pinóquio para ler, primeiro, eu tive que desconstruir toda essa ideia, eu tive que, realmente, anular o que eu tinha, pra abrir o meu coração, e escutar mesmo, essa nova história de Pinóquio, essa nova visão, então foi o que eu fiz... Então quando eu comecei a ler o livro, a minha ideia realmente era essa, ver de coração, e foi isso que eu vi. (ANA RAPHAELA RAMOS DA SILVA, em entrevista, 2021).

A leitura de Pinóquio é fascinante, aquele “pedaço de madeira” aguça a nossa curiosidade de viver todos os passos do boneco/criança, que passava por vários desafios, e que por muitas vezes, “mentir” era uma forma de defesa, isso não leva a dizer que Pinóquio era um menino mau, mas sim, apenas um menino que gostava de brincar, e fazia isso com muita intensidade. Pinóquio tentava se concentrar nos conselhos que eram dados pela Fadinha, que ele tinha que ser um boneco obediente, para mais tarde ser um menino de verdade.

A sua inocência, fazia passar por vários perigos, e era trapaceado, de tão inocente a ponto de acreditar na Raposa e no Gato, terminava esquecendo do que prometera. Assim como toda criança confia nos amiguinhos, foi assim com Pinóquio, “Que gente boa! Pensou Pinóquio dentro de si: e, esquecendo-se ali imediatamente do pai, do casaco novo, da cartilha e de todas as boas intenções que havia

planejado.” (Collodi, 2014, p.69). Pinóquio deixou se levar pelo papo da Raposa e do Gato, acreditou na bondade da espécie; nesse momento agente até imagina a grande torcida das crianças para Pinóquio não acreditar nesses trapaceiros.

Quando levamos para a escola, foi fascinante, as crianças nem precisaram de uma prévia, já abriram seu coração para a nova história de Pinóquio, entendeu muito mais fácil do que a gente. Nós precisamos deixar essa história na caixinha, e ouvir essa outra, eles não, já estavam preparados mesmo, cada vez que a gente contava cada coisa de Pinóquio, eles estavam lá na torcida, pra Pinóquio passar por mais outro desafio, o olhar das crianças eram fascinantes. (ANA RAPHAELA RAMOS DA SILVA, em entrevista, 2021).

A inocência de Pinóquio, tão quanto uma criança, comum. O comportamento de Pinóquio é o próprio de uma criança, pois toda criança tem esse capricho, esse dengo, essa teimosia de fazer o que ele quer e o que gosta, usa a imaginação, e acha que é bom para ele, isso é da infância. A inocência de Pinóquio, acreditar, que, se plantar uma moeda nascerá um pé de dinheiro. Sendo um boneco/criança inocente, Pinóquio demonstra também ser um boneco/criança amoroso, tinha coração bom, amava o pai, queria demonstrar esse carinho pelo pai, devolvendo para ele o casaco que o mesmo (o pai) teria vendido para comprar sua cartilha. Essa vontade que impulsionou Pinóquio acreditar em plantar moedas. E a inocência de Pinóquio traz a leveza da pureza do pensamento das crianças. É possível refletir esse pensamento com Collodi (2014),

Digamos que cada moeda produza um cacho de quinhentas moedas: multiplique as quinhentas por cinco e na manhã seguinte terá no bolso duas mil e quinhentas moedas brilhantes e sonoras. - Oh, que maravilha! - gritou Pinóquio, dançando de alegria. (COLLODI, 2014,p.69).

É preciso trazer as crianças para dentro dos livros, e deixar que elas se envolvam com a leitura, é necessário que os adultos, usem a imaginação, como de uma criança, e transforme o espaço da escola, num lugar prazeroso, mesmo sabendo que durante a leitura, elas, as crianças, não vão está ali, porque a leitura não permite isso, ela nos proporciona outros lugares, onde a imaginação, é que nos leva. Valter Hugo Mãe, no conto “O rapaz que habita os livros”, diz:

Voltaram para dizer à professora: parece que se mudou para dentro do livro porque não ouve a nossa voz. Usamos os binóculos da sala de ciências e vimos bem, senhora professora. Ele sorri. Está feliz. Isso

levantara o problema de saber como trocar a felicidade pelo regresso à aula. (MÃE, 2018, p.61).

Assim como o desenrolar dessa história, levou Pinóquio pra dentro da baleia, nesse momento as crianças viajaram nas suas imaginações, com certeza essa viagem dentro da baleia, foi fascinante. A Literatura nos oportunizar esse prazer de viajar e viver momentos fascinantes, onde podemos brincar com nossa imaginação e poder viver esse momento no espaço educativo, se esvaziar de tantas cobranças de atividades após o prazer de ouvir as histórias, encher-se de um prazer de leveza que ela a literatura traz. Deixar as crianças pegar pra si essa aventura e não perder sua essência de criança que é a mesma essência de Pinóquio.

Apesar que a gente sabe que Pinóquio passa por várias coisas foi enganado em vários momentos, ele tinha sua inocência, mas, ele também era esperto pra saber sair de cada uma, e aí a criança já sabia, a essência de Pinóquio, quando a gente foi contando ele os alunos já foram pegando pra eles. (ANA RAPHAELA RAMOS DA SILVA, em entrevista, 2021).

Somos surpreendidas a cada experiência que passamos durante o nosso percurso, é muito prazeroso, porque nos proporciona momentos intensos e agradáveis, isso mexe com a nossa emoção, sentir esse prazer, essa vivência com as crianças e a literatura, o envolvimento das crianças com a história, é muito no presente é uma atenção toda voltada para aquela hora, vai muito além de uma diversão, o prazer é um sentimento que não tem limitação, é um momento único. Na Entrada “Prazer”, do Dicionário Alice (Santos, 2019), Maísa Antunes traz essa reflexão:

O prazer é uma dimensão inerente à condição humana, está fundamentalmente relacionado às emoções e ao brincar. Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller lembram-nos de que a cultura moderna ocidental desdenhou do brincar e desvalorizou as emoções como fundamentos que orientam qualquer ação humana e que por isso tornamo-nos limitados social e biologicamente, já que há um desequilíbrio que privilegia a razão (ANTUNES, 2019).

É o que percebemos diante da paisagem da criança com a literatura, elas brincam com as histórias, entendem a literatura e a poesia como forma de escrever e de brincar ao mesmo tempo, como revelaram para Claudia Maisa Antunes Lins, na sua pesquisa Lins (2020, p.122), “que se constitui na sensação de divertimento e entendimento na experiência com a literatura e com a poesia, sem que uma

atitude prejudique a outra, ao contrário, que dependa uma da outra para o acontecimento; como o aprender e o brincar”.

Articular essa reflexão do prazer, da alegria, da vivência das histórias pelas crianças, ao espírito lúdico de Pinóquio que podemos contemplar a partir da fala de Ana Raphaela sobre essa experiência com a literatura na educação infantil, com uma história cheia de aventura, como a de Pinóquio, por exemplo, é uma forma de visibilizar um movimento que é próprio da criança. “A minha expectativa com a história de Pinóquio foi melhor do que eu pensava, não só Pinóquio foi o centro das atenções da história, a baleia também, pois foi o lugar onde Pinóquio ficou, onde ele encontra o pai” (RAPHAELA, entrevista em 2021). Fazendo uma relação com *O olho de vidro do meu avó* é perceptível essa conexão da criança com a literatura, é transparente na criança o sentimento, a expressão, a emoção, a curiosidade, o suspense, e na literatura, a beleza, a poesia, quando se aproxima, e toca a realidade, e faz um movimento dentro da criança.

CAPÍTULO IV: CONVERSAS EM TORNO DAS EXPERIÊNCIAS: O CONTO “O JANTAR DO BISPO” CONTADO ÀS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

A experiência vivenciada por Ludimila Santos Santana e Brenda Carina Guimarães Nascimento, com a literatura, na turma dos anos iniciais, foi a partir do conto *O jantar do Bispo*. Essa leitura do conto vem cheia de mistério, e o mistério na criança provoca a curiosidade seguida também de um sentimento de adrenalina e acaba mexendo na emoção da criança, e quando parte da leitura de um conto como esse, provocador, com momentos que dá possibilidades à imaginação, surge um novo cenário do conto, além do apresentado durante a contação, é que as crianças, estimuladas pelo conto criam seus próprios cenários, dentro delas, onde percorre toda a história e vai se montando a partir das falas e gestos que vão se encontrando e sendo recriados pelas crianças, um diálogo ficcional que percorre toda a história, a casa, os donos da casa, os criados, os visitantes, a criança da história. Tudo acontecendo naquela casa que mostra ser grande, e parece se tornar maior com o olhar das crianças.

O lugar do desfecho da história mostra-se obscuro, desde a estrutura da casa até a sua arrumação, seus móveis, cortinas, e ainda o tempo, com chuvas, relâmpago, trovões, falta de energia, durante a noite, e visitas estranhas. Tudo acontece em uma cidade que se fala de uma população pobre, e que ao mesmo tempo é descrita como um lugar belo, pelo cheiro do ar e pelas suas paisagens. Assim descreve Sophia de Melo Breyner, como forma de poema, aquele lugar:

A parte de trás da casa era virada ao poente e das suas janelas debruçadas sobre pomares e campos via-se o rio que atravessava a várzea verde e viam-se ao longe os montes azulados cujos cimos, em certas tardes ficavam roxos. (...) À direita, entre a várzea e os montes, crescia a mata, a mata carregava de murmúrios e perfumes e que os Outonos tornavam doirada (ANDRESEN,1983 p.51-52).

Uma descrição tão cheia de beleza aquele cenário com seus montes longínquos e as árvores douradas pela época da estação. E com ajuda da natureza que se propôs em está presente, aquele tempo chuvoso, claridade a luz das velas, e também, os fleches dos relâmpagos que clareiam aquele casarão trazendo um sentimento de medo, susto, pavor, o murmúrio dos ventos, o barulho dos trovões deram ao cenário a imagem de um ambiente muito sombrio; Ludmila Santos diz que no conto “*O jantar do Bispo*, tinham alguns elementos que poderiam chamar a

atenção das crianças, porque é uma história que envolve um pouco de mistério” (Entrevista com Ludmila, 2021); e isso pude confirmar quando li o conto para realização deste trabalho. Os acontecimentos provocavam sentimentos, causavam curiosidade temperada com algum tipo de medo, por exemplo, a sombra do homem importantíssimo, que a criança observou; a visita misteriosa que não passou da cozinha, que também foi pressentida pela criança; os empregados, que transmitiam também um sentimento de pavor, em certos momentos, principalmente quando o céu grita em forma de trovão.

Um novo relâmpago mostrou lá fora o jardim lívido e transfigurado e logo um trovão se ouviu, estremecendo a casa desde os seus fundamentos. A luz elétrica apagou-se. Os criados benzeram-se na escuridão onde apenas brilhavam as brasas do lume. Rapidamente Gertrudes riscou um fósforo e acendeu duas velas (ANDRESEN, 1983, p.85)

Existem momentos pavorosos e misteriosos que vão se enrolando durante o conto, e ao mesmo tempo se revelando, isso acontece a partir do olhar de uma criança, um olhar inocente, o olhar do coração puro, pode ver e sentir, que naquele ambiente pairava um encontro do bem com o mal. O conto traz uma reflexão que nos remete pensar a existência do interesse de valor pessoal e econômico e um interesse de valor moral naquela casa, o Dono da casa queria se livrar do Padre novo de Varzim, por perceber que ele era a favor dos pobres daquela pequena aldeia, e o Bispo queria um telhado novo para a Igreja da Esperança, ele sabia que o dono da casa tinha condições financeira pra assumir essa despesa.

A história com seus mistérios vai formando todo seu enredo e a criança acompanha o desenrolar, a literatura vai abrindo os espaços e dando lugar às crianças, e elas vão se envolvendo até serem tomadas pela emoção que o conto provoca, usando sua imaginação elas parecem até ultrapassar a história, eu tenho um pensar que as crianças chegam primeiro no final de qualquer história, quando elas são tomadas e envolvidas pela literatura.

Em todo o momento no contar da história, uma montanha russa de emoções, medo, curiosidade, ansiedade, pequenas tensões que terão seus desfechos, todos esses sentimentos rondavam a casa. Imaginem só, essa leitura para a turma de anos iniciais. Foi o desafio da equipe de Ludmila e Brenda, tudo isso circulando naquele pequeno espaço.

A sala de aula, onde a gente acha que vai ensinar alguma coisa, mas que aprendemos muito mais do que levamos, quando abrimos um campo de diálogo provocado, por exemplo, pela literatura. Elas tiveram também o desafio de adaptar o conto, resumi-lo de forma a não subtrair a história para as crianças, pois além de ser um conto longo, a leitura não era voltada para essa turma. Era preciso também encontrar uma forma de trazer a história sem perder a sua essência, os seus mistérios.

Era necessário esse resumo, depois a gente pensou em como contar, uma maneira de contar essa história. Pensamos em usar muito do suspense, mistério, pra contar essa história e chamar atenção realmente das crianças. Optamos contar usando o flanelógrafo, em um painel, a gente imprimiu cada personagem da história, conforme a gente contava, íamos fixando os personagens e também algumas figuras e cenários que o conto descreve. (ENTREVISTA COM LUDMILA, em 2021).

Elas trouxeram de dentro do livro a adrenalina do mistério, que foi alcançado pelas crianças através da apresentação. A emoção que o conto provocava invadiu os sentimentos das crianças, que ficaram bastante eufóricas com os suspenses que compunham cada parte da história. De acordo com o depoimento de Ludmila Santos, as crianças viveram intensamente aquele momento, demonstrando estarem completamente presentes no tempo de contação, vivendo a história.

Quando a gente chegou com o material eles gostaram muito, ali a gente abriu a sala. Colocamos cadeiras pra eles sentarem ao nosso redor. Conforme íamos contando, eles ficaram muito atentos, ninguém atrapalhou, de não querer está ali, ou querer fazer outra coisa, eles estavam bem interessados na história, durante a própria história, eles também interferiam, supondo o que poderia ter acontecido na história (ENTREVISTA COM LUDMILA em 2021).

Era um cenário dentro de outro cenário, a criança e a literatura envolviam-se uma dentro da outra. No momento que o conto traz o personagem do homem importantíssimo, é ali onde o mistério paira, e a curiosidade de saber quem é aquele homem, que interesse é esse de está envolvido naquela casa, naquela família. Então, a gente pode até pensar: será se a criança vai entender o papel desse personagem? desse homem “importantíssimo”? No que diz respeito o personagem do Padre e do Bispo, as crianças, talvez, já tivessem uma imagem, construída socialmente, de que este é um homem do lado do bem. Mas, e o homem importantíssimo: Quem é ele na história?

Na devolutiva, as crianças tematizam diversos e diferentes aspectos da

história que lhes causaram estranheza, como a uniformidade da cor preta da roupa do homem importantíssimo, a sombra grande do homem importantíssimo projetada na parede, naquele dia que faltou energia elétrica; a presença daquele homem incomum, misterioso, com uma sombra maior que ele, que tomava toda a casa, tudo isso causou estranheza às crianças, ao se deparar com o homem importantíssimo. A experiência pedagógica, a *posteriori*, a partir desse conto, vai proporcionar o diálogo com as crianças sobre esses aspectos, deste personagem incomum, que não faz parte do seu cotidiano, talvez isso foi o que causou um sentimento de medo, transmitido através dessa presença.

Eu lembro que teve uma criança que desenhou esse personagem bem alto com a sombra enorme. Ela disse que gostou mais dos outros personagens e menos dele por causa da sombra e porquê ele só usava roupa preta porque era um pouco assustador (ENTREVISTA COM BRENDA, 2021).

Na parte da chegada do homem importantíssimo, quando bate o carro e dar um som estrondoso, a autora faz uma apresentação misteriosa, que dá todo um efeito de suspense e curiosidade na história que provoca as crianças, e as crianças vão passando por todo cenário do conto. Essa chegada tão inesperada e repentina, uma visita que causa rumores entre os que estavam ali presentes, em um automóvel enorme, preto e luxuoso, aquele homem ao sair do carro deixava o momento tenso, e a curiosidade pairava na chegada do homem importantíssimo, aquele homem com um sobretudo escuro, chapéu com abas reviradas, a sua subida nos degraus da casa, os seus passos atravessando o pátio da casa, sem pressa alguma, um passo a cada vez, causando um certo espanto, dava até a impressão de que a chuva não molhava aquele homem misterioso.

Ao ouvir o conto “O jantar do Bispo”, as crianças ficaram atentas, quase não piscavam, notei uma certa ansiedade e curiosidade para saber o que viria [a acontecer na história], a seguir também percebi que havia satisfação no olhar dos alunos (ENTREVISTA COM BRENDA, 2021).

Sobre a afinidade que as crianças tiveram com o personagem da criança, como falou (BRENDA, 2021) “o personagem favorito da maior parte da turma foi o menino talvez porque o menino representava a idade deles, era criança, foi o personagem que eles mais gostaram”. A criança tem a sensibilidade de perceber com mais intensidade as coisas que acontecem ao seu entorno, elas identificam-se

entre elas, pela idade, e também, seria pela afetividade ao perceber a atenção que ela (criança personagem) deu ao mendigo, ao ver a presença daquele homem na cozinha, que logo se aproximou pra ajudar, isso despertou nas crianças leitoras um sentimento de empatia por esse personagem, o menino da história transmitiu um sentimento bom para as crianças e elas foram tocadas, pela atitude do menino da história.

O personagem do mendigo trazia também uma mensagem urgente, que não conseguiu alcançar o dono da casa. O mendigo foi ignorado por todos os adultos da casa, só a única criança daquele lugar teve um sentimento bom perante aquele homem, como se tivesse entendido, antes mesmo de ouvir, que o mesmo trazia uma mensagem que deveria ser escutada. Essa mesma sensação/emoção parece ter sido vivenciada pelas crianças leitoras. Ao perceber que pelo nome que era dirigido como mendigo, e ouvir a contação, a criança associa as vestes a pessoa, e frui um sentimento de dó, um sentimento de empatia, por aquele homem ter sido ignorado.

A leitura literária estimula essa emoção da pessoa que conta para pessoa que escuta, isso tudo de uma forma prazerosa, eu percebi a emoção de Brenda, trazendo a emoção da criança, quando traz na sua fala, a maneira estratégica que a equipe encontrou para contar o conto, além do flanelógrafo elas contaram a história de acordo com os personagens com um tom voz misterioso, cada personagem com sua entonação, fazendo mudanças na voz, e trazendo a atenção das crianças para o conto "O jantar do Bispo". Agente percebe essa força da leitura literária quando nos deparamos com essas experiências dentro das salas de aulas, vivenciada no estágio, onde somos introduzidas dentro desses espaços educativos através da Pedagogia.

Estar dentro do contexto dessa experiência com a literatura através Pedagogia, oportunizou pisar no chão da pesquisa e vivenciar a fronteira, um movimento entre literatura e a pedagogia. A fronteira ajudou a refletir os desafios que nos deparamos durante todo percurso dessas experiências onde somos oportunizados a vivenciar através da pedagogia que nos proporciona não só das teorias estudadas no curso, mas fundamentalmente através da prática que o Estágio nos proporciona a ver/olhar o entorno com mais atenção sem pressa (BYUNG-CHUL HAN, 2015, p.28).

Aprender a ver significa "habituar o olho ao descanso à paciência, ao deixar-a

proximar-se-de-si", isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento (BYUNG-CHUL HAN, p.28, 2015). Com a leitura literária esse olhar torna-se possível; essa linguagem das artes, que nos proporcionam momentos de prazer durante a caminhada educativa.

CONCLUSÃO: APRENDIZAGENS POSSÍVEIS

De início, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa aconteceram muitas dificuldades, em relação ao que pesquisar, como pesquisar, com certeza essas dificuldades estavam relacionadas ao tempo que levei tentando me encontrar dentro do curso de Pedagogia. Por isso me deparei com muitos desafios, e um dos desafios, foi tentar, durante o início do meu curso, encontrar estímulo e descobrir o que tocava em mim a ponto de despertar algum sentimento de emoção, que eu pudesse ter essa curiosidade, que provocasse estímulo para iniciativa da escrita e conseqüentemente a desenvoltura.

O que possibilitou a pesquisa foram as experiências vivenciadas no Estágio Curricular Supervisionado, e as experiências da disciplina Literatura Infante-Juvenil, a imagem de uma criança com cinco anos lendo as imagens do livro, foi um ponto inicial do meu interesse e com esse ponto inicial foi possível o desenvolvimento da pesquisa, que proporcionou, sobretudo, refletir o meu papel enquanto pedagoga numa experiência envolvendo a linguagem literária. A proposta provocada pela disciplina Literatura Infante-Juvenil, de levar para o espaço educação infantil a leitura literária, foi uma experiência fundamental para que eu fizesse uma reflexão pedagógica dentro da educação infantil e anos iniciais, que envolveu tanto as minhas próprias experiências como as experiências realizadas por minhas colegas, e que pude refletir dentro do meu trabalho.

Diante desse cenário pude observar a importância que teve esse componente Literatura Infante-Juvenil, quando abre possibilidades para aprendizagem na formação do pedagogo envolvendo o campo da linguagem artística; bem como quando abre um importante campo de extensão no alcance das escolas, e ainda de reflexão da ação pedagógica com a presença da literatura que pode ser desenvolvida através de diversos componentes, a exemplo do estágio, trazendo essa leitura da comunidade escolar durante pesquisa de campo, como estudo de pesquisa. Esse caminho também me proporcionou refletir que a literatura também tem um papel importante para sociedade, ela desperta um sentimento de emoção e concentração, com sua leitura prazerosa, tem contribuição na vida não apenas intelectual do leitor, mas também sensível e sensorial; está inserida na comunidade, na sociedade quando traz em suas páginas e palavras temas que nos alcança de uma forma muito honesta.

A intenção do trabalho com a leitura do livro *O olho de vidro do meu avô*, foi introduzir a leitura literária e trazer as respostas que me inquietava, e saber como acontecia essa exploração da leitura poética, o comportamento das crianças diante de um texto literário, como elas demonstram esse interesse pela literatura, atentando, nesse processo de leitura às formas utilizadas para o estímulo da leitura literária, registrando a forma como elas sinalizam suas inquietações e seus interesses, movidas pela literatura, e refletindo sobre a Pedagogia, a partir da experiência com a Literatura, sempre dentro do contexto da realização da pesquisa, na vivência dessa experiência através do Estágio, que aconteceu na EMEI Maria Suely Medrado de Araújo, no bairro Tabuleiro, em Juazeiro Bahia. Nesse sentido utilizamos alguns recursos, para dar mais estímulo para as crianças como: o livro, a leitura da história, os palitoques com os personagens, e o teatro de uma forma lúdica.

Observamos que as crianças aceitaram e receberam de forma prazerosa a história do livro com capa escura, sem imagens coloridas, somente letras pretas, elas me responderam através do comportamento diante do livro, que, não altera em nada a sua emoção, o livro não tem que ser colorido, pois o importante é a presença do livro, e depois a nossa criatividade, levamos o livro e a criatividade junto com a leitura literária, foi fácil perceber a emoção das crianças ao ouvir a história, a atenção, o olhar, o momento prazeroso, o suspense, a alegria, e a interação. O envolvimento das crianças com as histórias, isso tudo foi observado através do momento da leitura. Percebi certos momentos, como elas eram tocadas pela leitura literária, quando abria um diálogo sobre a história elas faziam relação da leitura com a sua realidade, isso é positivo, isso responde que as crianças realmente entraram nas histórias e as viveram.

Percebemos também o interesse da criança pela leitura literária, que elas gostam de ouvir histórias, no momento da leitura pudemos trazer a atenção delas, através dos palitoques, do teatro, e observando isso, foi positivo, perceber que a criança interage com a leitura, e brinca com a imaginação, isso mostra um cenário de beleza. Através da apresentação do teatro, momento lúdico, conseguimos perceber a criança envolvida com a história.

Quero registrar também aqui as minhas reflexões sobre as experiências com as entrevistas; percebi também nessas turmas que o cenário da literatura é beleza, emoção, prazer, não importando a idade da criança, elas entram na história e fazem

parte de todo o cenário, é esse o movimento de encantamento que a literatura proporciona. É preciso registrar a importância da leitura literária como uma experiência fundamental no espaço educativo, e trazer também o papel da pedagogia nesse movimento, seria uma ponte, uma passagem livre para literatura e poesia serem contempladas de forma prazerosa com um novo olhar sem imposições, ou instruções. Seria o olhar do olho de vidro do avô do menino?

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Contos exemplares**. Porto – Portugal: Figueirinhas, 1983.

ANTUNES, Maisa (2019), "**Prazer**", Dicionário Alice. Consultado a 13.05.21, em https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24494. ISBN: 978-989-8847-08-9

COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio: História de um boneco**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. /Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

LINS, Claudia Maisa Antunes (2020). **Diálogos do Riso: Um campo aberto para repensar a arte e a educação**. Universidade de Coimbra, Coimbra – Portugal, 2020.

_____. **A Arte e a Educação**. /Claudia Maisa A. Lins. Juazeiro: Fonte Viva, 2011.

MÃE, Valter Hugo. **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Editora Globo S.A, 2019.

MATURANA, Humberto R.; ZOLLER, Gerda Verden. **Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2004.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos de. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo: Moderna, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da Razão Indolente – Contra o desperdício da experiência**. Porto: Editora Afrontamento, 2002.

ANEXOS

Figura 1 – O encontro da criança com o livro, *O olho de vidro do meu avô*.



Figura 1- Crianças de cinco anos EMEI Maria Suely Medrado de Araújo

Figura 2- O encontro da criança com a literatura, *O olho de vidro do meu avô*.



Figura 2- Criança de cinco anos EMEI Maria Suely Medrado de Araújo.